

JAZZ  
1 MARÇO 2016  
CICLO "JAZZ +351"  
COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

# Slow is Possible

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Violoncelo André Pontífice Saxofone Bruno Figueira Bateria Duarte Fonseca  
Guitarra João Clemente Piano Nuno Santos Dias Clarinete Patrick Ferreira Contrabaixo Ricardo Sousa

Ter 1 de março  
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

### Bola de neve a rolar pela encosta

Quase tudo – a exceção está em alguns temas, ou passagens deles, que chegam a ter o ímpeto, e a intensidade, de uma cavalgada – nos *Slow is Possible* é lento, parecendo até que a escolha do nome do grupo foi premonitória. Levou tempo a desenvolver a fórmula pretendida, revelando um invulgar cuidado no tratamento dos materiais. Bem como a chegar, em 2014, à gravação do primeiro disco, de título homónimo, numa escola de aldeia convertida em estúdio, longe das vistas e dos ouvidos. Um ano passou, vagaroso, até à edição do álbum pela JACC Records, quando estava 2015 a terminar, e as reações da crítica, dos melómanos e dos produtores e organizadores de concertos e festivais vêm decorrendo em ritmo pausado. Mas começaram a fazer-se sentir, e agora o empreendimento está finalmente a conquistar a visibilidade que merecia – este concerto na Culturgest é um indício disso, bem como a participação no Portalegre JazzFest que se segue, em março, e outras que estão agendadas para a primavera e o verão em alguns dos principais palcos do país.

Porquê, se a música que se propõe é de uma qualidade, de uma frescura, de uma força que têm intrigado, senão pasmado, quem já a ouviu? A resposta é inevitável: porque este é um projeto nascido fora dos centros habituais do jazz, Lisboa e Porto, e os músicos que o constituem, muito jovens ainda, não têm um passado na cena nacional. É isso que imediatamente os distingue, não obstante o fator “geolocalização”

não ser determinante para o portavoiz do coletivo, João Clemente, que não o aceita como justificação total para o facto de os *Slow is Possible* irem na direção contrária à da maré: «A geografia define uma parte de qualquer ser vivo deste planeta, mas isso não significa mais do que isso: uma parte. No nosso caso, nunca sentimos a necessidade de lutar contra coisa alguma, pois a indiferença é bem diferente do ódio e do amor. Quando se vem de sítios onde ninguém quer saber o que estás a fazer, não és contra nada. Para algo acontecer, o mais importante é ser a favor. O foco passa exclusivamente por aquilo que se quer fazer, sem limitações ou condicionalismos.»

Mas há mais. Além da lentidão dos processos, assumida por Clemente, Patrick Ferreira, Bruno Figueira, André Pontífice, Nuno Santos Dias, Ricardo Sousa e Duarte Fonseca numa nada juvenil atitude de paciência relativamente às “regras do jogo”, também quase tudo o que caracteriza o grupo distancia este da vulgata do jazz. Em primeiro lugar, nenhum deles frequentou o ensino deste género musical – foi na Escola Profissional de Artes da Covilhã que se conheceram, enquanto estudavam... música clássica. Nas primeiras apresentações públicas, identificaram inclusive o seu estilo como «música de câmara contemporânea», apesar das intervenções de uma guitarra elétrica, uma bateria, um contrabaixo dedilhado e alguma eletrónica em tempo real, com todas as implicações (levando-os para fora dos “apostos do rei”) a nível de amplificação e projeção sonora no espaço.

Segundo Clemente, assim se fez porque a definição era suficientemente vaga para que permitisse «terminar rapidamente as conversas chatas tidas connosco por pessoas que, claramente, não queriam ouvir». O próprio nome *Slow is Possible* expõe as origens não-jazzísticas da banda – alude a uma composição de John Cage, *As Slow as Possible*, ou *ASLSP*, como ficou mais conhecida. Cage, considera o guitarrista, é necessariamente «uma referência para qualquer músico nascido depois de 1950». Como é que isso se traduz no jazz destes rapazes que vivem em vários pontos da Beira Interior? «Não conseguimos fazer de conta que não o conhecemos. A maneira que ele tinha de entender a música, o respeito pelo silêncio e a curiosidade por todos os sons são, talvez, as maiores influências que retiramos desse compositor.»

Nada disto significa que estamos diante de uma manifestação mais daquilo a que se chama “jazz de câmara”. Essa vertente está presente, sem dúvida, mas é apenas uma entre várias. «Quando formámos os *Slow* não houve uma escolha consciente do tipo de música que iríamos tocar. Tocamos o que nos apetece e aquilo de que gostamos. Nascemos nos finais do século XX, na era da informação, e as barreiras de idiomas e estilos são para nós questões do passado. Estamos abertos à experiência e, acima de tudo, temos um enorme fascínio pelo que não sabemos e não conhecemos. Jazz, rock, música erudita, *noise*... não tememos os rótulos, mas também não queremos alimentar essa necessidade de encaixotar pela forma.

Não é a fisionomia que nos atrai, é o teor», ficamos a saber.

Acrescenta o músico, para ir mais fundo na questão: «Nunca nos vimos como músicos “clássicos”, “improvisadores” ou seja o que for. No que diz respeito aos circuitos estabelecidos e aos rituais destes, a verdade é que não temos grande noção deles. Sabemos é que não há um manual de instruções para gerir uma banda como a que pretendemos manter, e por isso vamos aprendendo enquanto fazemos. Corremos atrás do que nos chama a atenção e isso leva-nos a sítios desconhecidos e imprevisíveis. Se nesse lugar são as melodias que reinam, então é assim que fica. Se o sítio onde chegamos implica romper lábios e cortar dedos, também seguimos por aí. É a própria música que nos guia.»

O que vamos, então, ouvir dos *Slow is Possible*? Um jazz contaminado por outras músicas para além da clássica, com especial relevo para a sonoridade, a energia e a desenvoltura expositiva do rock e revelando até um apreço particular pelos refrões *cantabile* da pop, com frases temáticas que ficam no ouvido muito depois de as termos escutado. Um jazz, também, que incorpora o tipo de texturas abstratas próprio da música livremente improvisada e que, em termos composicionais, ganha frequentemente uma dimensão cinematográfica. Por vezes, diga-se, remetendo-nos para a escrita de John Zorn destinada ao pequeno e ao grande ecrãs. A este último nível, é de referir que, entre o registo do álbum *Slow is Possible* e a sua publicação, o grupo atreveu-se ao mesmo que Zorn já realizara e apresen-

tou *Sense of Becoming*, criação que lhe foi bastante gratificante: musicou seis “curtas” da cineasta Maya Deren numa aplaudida sessão do FMD – Festival Materiais Diversos, em Minde.

«Algumas das nossas referências vêm da sétima arte e partilhámos o mesmo gosto por vários realizadores. Ainda assim, o cinema tem um papel diferente na vida de cada um de nós e não somos propriamente cinéfilos. No que diz respeito a John Zorn, não é apenas a sua música para cinema que nos inspira: conhecemos o seu catálogo a fundo e nunca escondemos a admiração e o respeito que temos por ele», esclarece Clemente. Aliás, a componente imagética dos *Slow is Possible* é extensiva à literatura, e se o estranho mundo visual de Deren tem inspirado a banda, o polémico e incómodo romancista Charles Bukowski deixou-lhes igualmente algumas marcas. No CD, dedicam-lhe até uma faixa, *Chasing Bukowski*.

«Somos naturalmente atraídos para os âmbitos mais obscuros: parecem-nos mais interessantes e íntimos. Gostamos de autores que têm uma voz própria. A nossa componente experimental advém da curiosidade, da vontade de saber “o que é”, “como fica”, “o que traz”. Não vem de uma lógica refletida e muito calculada. Andrei Tarkovsky, David Lynch, Woody Allen, Maya Deren, Kenneth Anger, Charles Bukowski, Al Berto, Herberto Helder, Lars Von Trier, Charles Baudelaire, Jain Painlevé, Alejandro Jodorowsky, Sergei Parajanov, Antonin Artaud, Arthur Rimbaud são autores que não colocamos em gaiolas. Para nós, as suas

obras são livres e, por conseguinte, têm influência na música que fazemos», comenta João Clemente.

O concerto a que vamos assistir baseia-se no repertório do disco, mas como não podia deixar de ser incluíram temas novos. Todos eles refletem os gostos e preferências destes sete beirões, mas há a vontade de escapar a conceitos demasiado definidos: «Depois de vários meses a trabalhar em função dos filmes de Maya Deren, agora queremos fazer música livre de parâmetros. Se eles surgirem não os negamos, mas neste momento o nosso campo criativo é uma folha em branco.» É por esse motivo que os *Slow is Possible* estão a encarar esta e futuras atuações ao vivo como o «mais únicas possível». Cada uma será diferente da outra. «Não sabemos ainda o que irá acontecer e é assim que gostamos», adianta João Clemente.

Tal abertura decorre do próprio modo de funcionamento desta pequena *big band*. Como habitam em cidades diferentes, os seus participantes encaram cada sessão conjunta como uma oportunidade que deve ser aproveitada ao máximo. E como não há um só compositor ou um “maestro”, o debate é imprescindível para se obterem consensos. «As composições são sempre coletivas. Varia aquele de nós que traz a faísca, mas os temas são feitos em grupo. Não existe uma receita de composição: cada música tem o seu método e tentamos abordá-la com verdade, ou seja, nada é sagrado e a ideia que melhor servir é a que adotamos. E essa ideia permanece até a uma nova sensibilidade se instalar e levar a que seja refeita. Nunca é

simples marcar ensaios, o que nos ajuda a concentração e a não tomarmos nada como certo. Definitivamente, os nossos ensaios não são uma ida ao parque.»

Mais concretamente: «Até à data, todas as músicas dos Slow têm partes compostas e definidas, mas a orgânica vem das secções que deixamos em aberto. É natural o modo como isso acontece. *Waiting Like a Dog* foi criado num dia e está, basicamente, igual até hoje. *The Robbery*, que foi o primeiro tema que escrevemos, já teve muitas e muitas versões, e a última foi fechada apenas no dia em que a gravámos para o álbum. Cada música tem de ser abordada como é e segundo um conjunto de regras próprio. Nunca esculpimos em pedra. Tentamos, sim, construir castelos de areia. A partilha faz parte da génese e as dinâmicas estão em constante mutação. A única coisa absoluta é esta: não há líderes. A metáfora que melhor funciona é a de um barco com 14 remos. Se num dia o Patrick faz uma melhor leitura das estrelas é ele quem comanda, e assim se passa com todos.»

João Clemente foi apenas o elemento aglutinador, a figura que deu início à viagem: «Os músicos não se conheciam todos e eu fiz essa ponte. Neste momento, cada um tem o seu campo de ação. A partilha de referências é, e sempre foi, comum a todos. Eu mostro Albert Ayler e alguém me dá a ouvir Émile Parisien, eu falo em Mr. Bungle e alguém me indica Moondog.» Os Slow is Possible começaram por ser o que são hoje, um septeto, mas com uma segunda guitarra, acústica, tocada por André Vaz. Depois, com a saída deste,

tornaram-se num sexteto, formato com que o CD foi gravado. Recentemente, entrou o pianista Nuno Santos Dias, e alguns aspetos sofreram uma evidente modificação.

Só podia ser assim. «A entrada e saída de elementos altera, obrigatoriamente, a química de qualquer grupo. O que está no disco é bem diferente do que fazemos neste momento. O facto de termos agora dois instrumentos harmónicos abre portas para novos territórios. Não entram elementos para os Slow apenas porque queremos ter uma bateria ou um piano. Entram porque são o Duarte e o Nuno, pessoas que encaixam perfeitamente na genealogia da banda.» Desta e não só... Clemente e André Pontífice estão juntos igualmente no trio de jazz Coffee and Cigarettes, que conta com um rol de aparições, sobretudo em bares. O mesmo Clemente está à frente da orquestra de improvisação Salad Ensemble, entre cujos 16 membros encontramos todos os demais Slow is Possible, incluindo o desistente Vaz.

O que se segue? O que anuncia e significa esta aceleração da vida do grupo? «O que queremos agora são concertos, e quantos mais, melhor. Reunimos material suficiente para voltar a gravar e queremos encontrar forma de o fazer. De qualquer maneira, não temos ilusões e sabemos qual é o nosso lugar: ainda somos peixe miúdo, com muito para aprender e para crescer», diz João Clemente com humildade. O certo é que as avalanches começam com simples bolas de neve a rolar pela encosta. Os Slow is Possible são tão surpreendentes que só poderão impor-se. Isto se

o habitual alheamento português a tudo o que agita as águas não os mantiver como um segredo bem guardado. Já nem isso parece, no entanto, possível: o que tinha de acontecer está irremediavelmente em curso.

Rui Eduardo Paes  
Ensaísta, crítico de música,  
editor da revista *online jazz.pt*

## André Pontífice

### violoncelo

---

Iniciou os seus estudos musicais na EPABI (Escola Profissional de Artes da Beira Interior) na classe dos professores Miguel Matias e Rogério Peixinho, onde participou em *masterclasses* e estágios de orquestra. Seguiu os seus estudos de violoncelo na ESMAE (Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo) na classe do professor Jed Barahal e posteriormente com os professores Pedro Neves e Paulo Gaio Lima na Escola Metropolitana de Lisboa. É músico em diversos grupos tais como Slow is Possible, Coffee and Cigarettes, Penicos de Prata, Opus Diabolicum, Salad Ensemble, Sombra com os Moonspell, entre outros.

## Bruno Figueira

### saxofone

---

Iniciou os seus estudos numa associação filarmónica aos 12 anos no Concelho de Pombal em Clarinete. Frequenta o Conservatório de Coimbra dois anos mais tarde e termina lá o 3.º grau de formação. Suspende atividade e, aos 18 anos, ingressa na Escola Profissional da Covilhã na classe do professor César Ramos. Posteriormente faz provas para a Escola Superior de Artes de Castelo Branco onde termina a licenciatura em Clarinete sob classe do Professor Carlos Alves e Pedro Ladeira. Em paralelo, frequenta *masterclass* com professores como António Saiote, Josep Fuster, Arno Piters, Juan Ferrer, Hans Collber. Participa em programas na Orquestra

Clássica do Centro, Orquestra Sinfónica da ESART, Orquestra Sinfónica da EPABI, Orquestra Sinfónica do Orfeão de Leiria e foi Solista na Orquestra Barroca da ESART. De momento frequenta o Mestrado de Ensino da Música na Escola de Artes de Castelo Branco e paralelamente toca Saxofone em diversos projetos externos ao Mundo Erudito. Grava e pratica música improvisada com regularidade procurando novos caminhos no Mundo dos Ambientes Sonoros. Toca por convite com os Coffe and Cigarettes e participa assiduamente no ensemble de improvisação Salad Ensemble. É saxofonista nos Slow is Possible, Animalia e nos TwoStep.

## Duarte Fonseca

### bateria

---

Atualmente integra, como baterista, cinco projetos musicais: Slow is Possible, Sideways, Salad Ensemble, Xaral's Dixie e Xaral's Band. Como originário de Minde, também colabora com a Sociedade Musical Mindense.

## João Clemente

### guitarra

---

Iniciou os seus estudos musicais na Escola Profissional de Artes da Beira Interior estudando percussão e guitarra clássica. Frequentou o curso de Produção Musical e Música Eletrónica na Escola Superior de Artes Aplicadas. O sentido comunitário do seu trabalho ganhou nesta fase as primeiras formas, criando laços com músicos com quem

até hoje mantem uma atividade artística enérgica.

A sua vitalidade profissional passa por múltiplos campos de ação, compositor de bandas sonoras para peças de teatro e filmes; fundador do Salad Ensemble e músico em diversos grupos, entre os quais se destacam os seguintes: Slow is Possible, Sideways, Turn Me On! Dead Man!, Coffee and Cigarettes, Woom, Kat in a Bag.

Peças a destacar: *The Thing About Silence* e *Why Flamingos Fly* para o Salad Ensemble; *Animalia* para quarteto de três (clarinete, saxofone, violoncelo, contraabaixo); *A Eterna Vida Do Mundo*, poema litúrgico para sexteto, narrador e coro.

## Patrick Ferreira

### clarinete

---

Começou o seu percurso artístico em clarinete aos 15 anos na Escola Profissional de Artes da Beira Interior na vertente clássica, onde participou em vários *masterclasses* e *workshops* com músicos como: Radovan Cavallin, Hedwig Swimberghi, Dominique Vidal, Luis Gomes, Carlos Gil, Justo Sanz, Ettiene Lamaison, António Saiote, Henri Bok.

Interessa-se por outros géneros musicais como a música experimental, o jazz, o rock, a música improvisada ou a música eletrónica, tendo participado em projetos como Salad Ensemble, Woom, Coffee and Cigarettes e Slow is Possible.

Neste momento encontra-se como músico *freelancer* fazendo grande

parte do seu trabalho ligado à música improvisada/experimental e ao jazz, é também membro fundador da banda Slow is Possible, onde se encontram com o seu primeiro disco lançado pela Jacc Records em novembro de 2015.

## Nuno Santos

### piano

---

Iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Regional de Música da Covilhã, prosseguindo a sua formação na Escola Superior de Música de Lisboa, na Royal Scottish Academy of Music and Drama, na Universidade Nova de Lisboa, na Universidade de Évora e na Universidade Aberta. Como pianista tem desenvolvido a sua atividade artística entre recitais de música de câmara e a improvisação livre em diferentes formatos. Professor de piano no Conservatório Regional de Música da Covilhã, tem colaborado como pianista acompanhador na Escola Profissional de Artes da Covilhã.

## Ricardo Sousa

### contraabaixo

---

Natural da cidade da Covilhã, nasceu no ano de 1989 e iniciou o seu percurso musical na Escola Profissional de Artes da Beira Interior, na classe de contraabaixo do Prof. Romeu Fabião. Iniciou os seus estudos superiores de contraabaixo na Academia Nacional Superior de Orquestra e concluiu a licenciatura na ESART, Escola Superior de Artes Aplicadas, sob orientação do Prof. Adriano Aguiar. Durante a sua

formação académica realizou várias *masterclasses* e trabalhou com diferentes maestros dos quais destaca Catalin Rotaru, Janne Saksala, Manuel Rego e Nuno Arrais (*masterclasses*); Jean-Marc Burfin, José Eduardo Gomes, Pedro Neves e Rui Pinheiro (maestros).

Em variados contextos musicais, cresceu com a participação em projetos como a Orquestra Pró-Clássica, Orquestra Sinfónica Juvenil, banda sonora do videogame *Murder in the Hotel Lisbon*.

Ao longo do seu percurso integrou formações de diferentes géneros musicais com especial interesse em duas áreas distintas. A Improvisação e a Música Antiga.

Na área da Música Antiga, e a convite de João Paulo Janeiro, tem colaborado no projeto Concerto Ibérico – Orquestra Barroca, destacando a participação no Curso internacional de Música Antiga 2015 em Idanha-a-Velha, no II Festival de Órgão de Braga de 2015, no VIII West Coast Early Music Festival 2015 – Ciclo de Inverno e ainda no I Ciclo de concertos de Órgãos Interparóquiais de Vila Nova de Famalicão e Santo Tirso.

Na área da Improvisação, através de João Clemente integra projetos como Playground em 2011, Salad Ensemble com apresentações na cidade do Fundão em 2010 e 2011 e na cidade de Castelo Branco em 2012, Animalia (um quarteto para três elementos à luz da temática de William Burroughs) em 2014 e *Eterna Vida do Mundo*, um Poema Litúrgico inserido na Quadragésima (Ciclo de Tradições da Quaresma e Semana Santa do Concelho do Fundão).

É membro do projeto Slow is Possible e encontra-se a concluir o Mestrado em Ensino da Música na ESART na cidade de Castelo Branco.

## Próximo espetáculo

# The Gloaming

**Música** Sex 4 de março

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M6



© Rich Gilligan

**Violino** Martin Hayes **Voz** Iarla Ó Lionáird  
**Hardanger d'Amore** Caoimhín Ó Raghallaigh  
**Guitarra** Dennis Cahill **Piano** Thomas Bartlett

The Gloaming é uma banda de músicos virtuosos, com carreiras pessoais de sucesso, que interpreta a música tradicional irlandesa de uma forma nova respeitando com grande fidelidade as suas origens. Às velhas canções emprestam poemas da história da literatura irlandesa. Ao ritmo frenético com que usualmente se toca a música gaélica, substituem um tempo mais lento que faz sobressair toda a beleza e profundidade musical dos temas. Com um enorme sucesso por todo o lado onde atuam, o seu primeiro concerto estava esgotado antes mesmo de o grupo ter começado a ensaiar. Em 2014 lançaram o seu único álbum, recolhendo dezenas de críticas entusiásticas e vários prémios. O CD é maravilhoso. A música que fazem é maravilhosa.

Hayes é um famosíssimo tocador de violino tradicional irlandês, várias vezes campeão no seu país e um dos mais respeitados intérpretes da música *folk* gaélica. A ele juntou o guitarrista americano de ascendência irlandesa Cahill, com quem colabora desde há muitos anos, Ó Lionáird, um mestre no canto *sean-nós* (“à maneira antiga”), Ó Raghallaigh, que toca *hardanger*, o violino tradicional norueguês que se distingue por ter cordas dobradas permitindo um som mais intenso e variado do que o *fiddle* irlandês, e o pianista americano Bartlett, entusiástico admirador de Hayes desde muito pequeno.

A Culturgest continua a revelar grandes artistas da “música do mundo”. Garantimos um concerto fabuloso.

O Teatro Viriato de Viseu, nosso parceiro amigo em vários projetos, associou-se a esta apresentação e os The Gloaming tocam ali um dia depois de virem a Lisboa.

### Conselho de Administração

#### Presidente

Álvaro do Nascimento

#### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

#### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

#### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

#### Estagiárias:

Cláudia Pereira

Nádia Luís

#### Direção de Produção

Margarida Mota

#### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

#### Exposições

#### Coordenação de Produção

Mário Valente

#### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

### Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Sara Amaral

#### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

#### Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

#### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

#### Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

#### Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

#### Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

#### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

### Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

#### Técnico Auxiliar

Vasco Branco

#### Frente de Casa

Rute Sousa

#### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

#### Receção

Sofia Fernandes

#### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

#### Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

#### Estagiária:

Aleksandra Kotova

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego nº50, 1000-300 Lisboa

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt